

Crise movimentará fusões e aquisições

A crise, que atrapalhou o fechamento de uma série de negócios amarrados no ano passado, será o motor do mercado de fusões e aquisições em 2009. “Essas operações voltaram a acontecer não porque a economia está crescendo, como até há alguns meses, mas porque está fraca”, afirma José Eduardo Queiróz, sócio do escritório de advocacia Mattos Filho.

Com dinheiro em caixa, grupos como o Pão de Açúcar e o Cosan montaram estruturas especialmente para aproveitar as oportunidades que surjam, com empresas em dificuldades. Já quem teve problemas, como *Votorantim*, *Sadia* e *Santelisa* Vale, busca vender ativos e participação nos negócios.

Além de vendas, os especialistas têm sido procurados também para renegociar dívidas, buscar sócios e investidores estratégicos e, em alguns casos extremos, vender ativos em função de recuperação judicial.

“Algumas oportunidades de aquisição estão surgindo porque os ativos estão muito baratos, e as empresas, endividadas”, diz Mauro Guizeline, sócio do Tozzini, Freire.

Os especialistas ressaltam que, em número e valores, as fusões e aquisições não alcançarão os mesmos patamares de 2007 e 2008. Mas, entre as áreas nas quais eles mais têm trabalhado, estão usinas de açúcar e álcool, frigoríficos, construtoras e concessionárias. Também há na lista indústrias químicas, redes varejistas

e até mesmo empresas aéreas.

“Temos percebido interesses em áreas variadas, mas o agromercado é uma mina, especialmente para estrangeiros que continuam olhando o Brasil”, diz Francisco Müssnich, sócio do escritório Barbosa, Müss-

nich & Aragão. “Quem tem dinheiro tem hoje uma vantagem enorme.”

No grupo Pão de Açúcar foi criado, há pouco mais de dois meses, um grupo voltado especialmente para fusões e aquisições para buscar oportuna-

des. O Cosan avalia a criação de uma divisão semelhante, de olho em terrenos e usinas.

“Algumas empresas atravessam uma situação difícil porque se financiavam com capital barato”, diz Antonio Rodrigues, diretor da Unica. “Com a crise, o processo de rolagem da dívida de curto prazo parou.”

Segundo Rodrigues, entre 10% e 15% das usinas vivem uma situação muito difícil e outro tanto enfrenta dificuldades.

Na área dos frigoríficos, a situação não é diferente. Cinco grandes empresas do setor pediram recuperação judicial nos últimos meses e há vários ativos à espera de compradores.

As quebras também foram causadas pelo recuo das exportações e do crédito, além dos fortes processos de expansão feitos pelas empresas, atropeladas pelo cenário recessivo.

“O agravante nessa indústria é que as operações de derivativos as atingiram em cheio”, diz Fabiano Tito Rosa, da Scot Consultoria. “Apesar de o momento não ser ideal para imobilizar capital ou ampliar a capacidade de abate, certamente haverá consolidação porque o Brasil é muito competitivo.”

Com o fim da abundância de crédito, os especialistas apontam que a tendência é haver mais fusões e aquisições com trocas de ações ou financiamento da compra pelo vendedor. “Esperamos mais criatividade nas operações”, diz Carolina Lacerda, coordenadora de fusões e aquisições da Anbid.

Algumas oportunidades de aquisição estão surgindo porque os ativos estão muito baratos e as empresas, endividadas

MAURO GUIZELINE
sócio do escritório Tozzini, Freire

LEVE QUEDA

As fusões e aquisições diminuíram em valor e número de transações no ano passado, em relação a 2007

	Número de operações	Valor, em R\$ bilhões
2004	43	101,4
2005	42	20
2006	63	89,7
2007	110	93,2
2008	84	89,9

Maiores transações fechadas em 2008

	Valor
1ª Fusão BM&F e Bovespa	R\$ 34,6 bilhões
2ª CSN vendeu participação na Namisa	R\$ 7,2 bilhões
3ª Fusão de petroquímicas formando a Quattor	R\$ 6,8 bilhões
4ª IronX vendida à Anglo American +	R\$ 5,4 bi e R\$ 3,2 bi,
5ª oferta pública de ações da IronX	respectivamente
6ª Oferta pública de ações da Arcelor Mittal Inox	R\$ 2,8 bilhões

Fonte: Anbid